

Práticas pedagógicas e o ensino das ciências básicas na graduação

Pablo Machado¹

Têm sido discutidas, amplamente, novas práticas pedagógicas no ambiente de sala de aula no ensino de graduação. Ouvimos que o perfil dos alunos mudou que temos um aluno capaz de realizar várias tarefas ao mesmo tempo, com acesso fácil à informação e que devemos inovar no modo como atuamos em sala de aula para prendermos sua atenção, tornarmos a aula mais atrativa criando um ambiente para o melhor aprendizado. O imediatismo da aplicação do que é aprendido em sala de aula fez com que, atualmente, as ciências básicas tenham perdido espaço para as ciências aplicadas e profissionalizantes. Mas, convém perguntar se essas práticas de ensino ditas inovadoras não acabam aleijando ainda mais um ensino destituído de embasamento sólido?

O que se cobra dos nossos professores são atitudes inovadoras no processo de ensinar. Mas estamos nos deparando com a necessidade de atuarmos, cada vez mais, como agentes profissionalizantes do ensino. Ensinando apenas a aplicação, o saber fazer, onde fazer e quando fazer. Fórmulas prontas para serem aplicadas e gerarem os resultados que garantirão, talvez, uma colocação no mercado de trabalho. Como esses novos alunos produzirão inovação em suas áreas de atuação se não possuem embasamentos mínimos?

O que vemos, é que no decorrer do tempo, as ciências básicas que detinham em torno de 50% dos conteúdos ministrados em sala de aula, hoje, não apresentam mais 12,5%. Segundo o ranking da educação da UNESCO o Brasil ocupa o, vergonhoso, 88º lugar em educação entre 127 nações analisadas. Será que não estamos caminhando na contramão do processo ideal de ensino? Nesse mesmo estudo, o Japão aparece em primeiro lugar. Tradicionais por sua cultura baseada em disciplinada, trabalho árduo e

¹ PUCRS

merecimento. Esse não é um ranking da graduação brasileira, mas o despreparo dos ingressantes pode contribuir para as dificuldades do futuro graduando e egresso da universidade. Ao passo que nos afastamos dos processos antigos parece que a qualidade também está decaindo. Os significados, tão importantes de serem produzidos em sala de aula não podem se afastarem do embasamento técnico-científico necessário.

Práticas divertidas não podem mascarar o despreparo científico de um professor em sala de aula. Ou pretendemos formar cidadãos que possam modificar a país em que vivemos, saindo de uma cultura de importação de altas tecnologias, ou assumimos que estamos produzindo técnicos no ambiente de graduação. O Brasil ocupa o 6º lugar entre as maiores economias do planeta. Dinheiro não falta para experimentarmos novas formas de prover nos alunos a ânsia pelo conhecimento. A aproximação da pós-graduação com a graduação pode ser um caminho interessante para elevarmos o nível dos nossos cursos. Só a necessidade do conhecimento pode mudar mentalidade imediatista do aluno de graduação.

Talvez, a proximidade e envolvimento em práticas de pesquisa despertará no aluno a vontade de ir além da mera aplicação técnica de conhecimentos rasos e tornará o aluno sedento por conhecer os pormenores dos processos. Fato este, impensável sem o embasamento que as ciências básicas trazem principalmente nas áreas ditas mais duras do conhecimento. Talvez a retrocesso seja sim necessário para ajustar o caminho e prosseguir. Fazer um círculo e dispor os alunos, solicitar que os alunos plantem uma árvore, que subam em arvores para lerem não diminuirá seu despreparo para ajudar uma sociedade carente de soluções inovadoras para as suas vidas. Enquanto discutimos metodologias pedagógicas inovadoras podemos estar nos distanciando de uma educação forte, competitiva e avançada.

Na área tecnológica, principalmente, talvez o novo não seja a produção de métodos de aprendizagem e sim o preparo sólido para entendimentos completos sem superficialidade. Na academia de Platão (387 a.C.) estava estampada a seguinte frase *Não entre aqui se não for geômetra*. A escola grega produziu os maiores pensadores que já existiram. Sob o mundo das ideias de Platão e o racionalismo de Aristóteles, a

civilização ocidental desenvolveu todo o seu modo de vida. Assim, fica difícil imaginar como faremos para auxiliar nossos alunos destituídos de bases teóricas a alcançar grandes feitos.

Novamente, talvez o caminho trilhado seja o inverso. Como uma casa não pode ser firmemente construída sem alicerce, o conhecimento não pode ser alcançado sem base. Sendo assim, confunde-se o conhecimento com a informação. Repetir, falar, reproduzir até os animais treinados fazem. Porque estão fazendo? Poucos alunos estão aptos para responder perguntas como essa. Essa, sem dúvida, deveria ser a pergunta mais realizada em sala de aula. Cinco perguntas iguais sobre o motivo de tal ação colocaria o aluno respondendo quase em um nível molecular. Ou seja, elementar, básico. Entendendo o processo como um todo. Criando conhecimento sólido e não apenas raso como um pires. Chamaria essa prática, para os amantes das metodologias ativas, de prática do por quê. Em uma alusão a fase de desenvolvimento infantil que todo ser humano passa.

Não resolveremos nossos problemas de educação apenas realizando aulas maravilhosas ao livre com pássaros cantando. Esse ambiente pode ajudar, mas precisamos também de trabalho duro por parte dos nossos alunos e professores. O processo é solitário, necessário e o caminho é longo. Os professores apontam o caminho, mas quem deve trilhá-lo é o aluno. Ao tirar o foco do necessário e sairmos em devaneios buscando inventarmos novas proposta pedagógicas podemos estar perdendo tempo em aceitarmos que a direção foi contrária e que devemos sim retroceder a um modelo antigo de necessidade de conhecimentos provenientes das ciências básicas. Ensinadas, agora sim, de maneira diversificada, entretanto sem abusar. Gostaria de ver as famosas práticas inovadoras de aprendizagem dando o fruto pretendido e conduzindo nosso país para posições mais honrosas em qualidade em termos de educação.

Infelizmente, se passaram muitos anos das teses dos grandes pensadores da educação brasileira e a situação parece ter chegado, hoje, a um nível baixo e insustentável. Não podemos perder tempo e seguirmos o modelo vigente, algo precisa ser feito. Pode-se errar novamente? Voltar a dar espaço para as ciências básicas é o

melhor caminho? Não temos como afirmar. Mas não podemos nos omitir de tentar fazer algo por esse país. A responsabilidade é de todos e segurar um giz na frente de um quadro negro em branco fornece-nos a oportunidade de tentarmos mudar a situação instaurada. Amor pela prática docente pode, e deve ser comparado ao amor de um pai pelo filho. Pode ter momentos em que uma palmada seja necessária, causará antipatia, choro e gritos. Mas são palmadas necessárias para educação. Ensinar de maneira rasa é mais fácil pode-se aplicar uma metodologia inovadora, adentrarmos nos aspectos micro é mais difícil, antipático, mas é, talvez, a única forma de elevarmos o nível de conhecimento do egresso das universidades brasileiras.